

## MELANCOLIA NA PSIQUIATRIA: ENTRE O ROMANTISMO VITORIANO E A NEUROCIÊNCIA MODERNA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.041-034>

**Guilherme Sundré Brandão**

Graduando de Medicina  
Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga (Afy)

**Davi Dias Souza**

Graduando de Medicina  
Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga (Afy)

**Eduarda Gomes Abrantes**

Graduando de Medicina  
Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga (Afy)

**Felipe Martins Cotta Seleguine**

Graduando de Medicina  
Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga (Afy)

**Ricardo Oliveira Vizani**

Médico da Família e Psiquiatra  
Professor da Faculdade de Ciências Médicas de Ipatinga (Afy)

---

### RESUMO

Desde os tempos antigos, a melancolia intrigou e desafiou os estudiosos, unindo os reinos da medicina, filosofia e arte. Hipócrates primeiro conceituou a melancolia como um desequilíbrio de humores, estabelecendo uma base para sua posterior identificação como uma condição psíquica profunda. Na era vitoriana, figuras como Falret e Freud dissecaram ainda mais a melancolia, associando-a ao retardo psicomotor, anedonia e desespero existencial. A estrutura psicanalítica de Freud redefiniu a melancolia como uma forma patológica de luto, enfatizando a internalização da perda e o enfraquecimento do eu. Apesar de seu significado histórico, a distinção entre melancolia e Transtorno Depressivo Maior (TDM) permanece controversa, particularmente após sua exclusão do DSM-III. Estudos contemporâneos destacam as características psicopatológicas únicas da melancolia, incluindo disfunções vegetativas e sintomas psicóticos, distinguindo-a de estados depressivos mais amplos. Para além da psiquiatria, a melancolia influenciou profundamente a literatura e a arte, moldando obras de Machado de Assis e José de Alencar como explorações do sofrimento existencial e da crítica social. Este artigo ressalta a complexidade da melancolia como uma construção multifacetada, defendendo sua compreensão diferenciada dentro de estruturas clínicas e culturais. Os sistemas de classificação em evolução e suas limitações destacam a necessidade de um diálogo interdisciplinar contínuo para abordar o enigma duradouro da melancolia.

**Palavras-chave:** Melancolia. Depressão. Psicanálise. Era vitoriana. Teoria freudiana.



## 1 INTRODUÇÃO

Desde os tempos antigos, o sofrimento humano cativou e inquietou as mentes, moldando os caminhos da medicina e da filosofia em sua busca para decifrar as camadas mais sombrias da psique. No século 5 aC, Hipócrates marcou um ponto de virada ao atribuir estados mentais perturbados a um desequilíbrio de humores, atribuindo ao corpo uma responsabilidade orgânica pelas aflições da alma. Essa perspectiva, ao mesmo tempo visionária e constrangida, lançou as bases para o que séculos mais tarde seria conhecido como melancolia - um estado psíquico que transcende a mera tristeza para se tornar um enigma existencial (Oliveira, 2013).

Entre o conhecimento médico e o discurso poético, a melancolia emergiu como uma lente através da qual a humanidade contemplou seus abismos emocionais mais profundos, estabelecendo-se como um símbolo de tormento e introspecção em obras artísticas e filosóficas que moldaram o imaginário ocidental (Oliveira, 2013).

Em várias obras da era vitoriana, a melancolia foi retratada como um traço de uma personalidade triste e depressiva, muitas vezes em tom romantizado. Essa perspectiva é evidente no *Folie Circulaire*, um estudo do psiquiatra francês Auguste Jean Falret. Ele descreve formas de transtornos mentais caracterizadas por episódios cíclicos de psicose alternando entre mania e depressão. Ele também detalhou a fase depressiva de seus pacientes, classificando o indivíduo melancólico como sobrecarregado de remorso, propenso ao isolamento, marcado por anedonia significativa e exibindo retardo motor e autonômico (Falret, 1854).

Muitos estudiosos da era vitoriana examinaram a melancolia em dois contextos: luto, conforme explorado por Freud em suas primeiras abordagens psicanalíticas, ou em conjunto com delírios paranóicos. Freud estudou pacientes melancólicos e esclareceu o processo de luto, mas não estabeleceu o que poderia ser especificamente chamado de "estrutura depressiva" (Freud, 1915).

Na virada do século, novos estudos abordaram a melancolia como responsável por um tipo muito específico de humor, o "humor melancólico", conforme classificado pelo psiquiatra francês Jules Cotard em seu trabalho. Segundo ele, o humor torna-se totalmente negativo quando o paciente experimenta um profundo desconforto moral (Oliveira, 2013).

Durante a primeira metade do século 20, surgiu a noção de que os médicos precisavam diferenciar a melancolia da tristeza na prática clínica, considerando a natureza profunda dessa condição psíquica. Esse sentimento, de fato, divergia da mera tristeza intrínseca e se aproximava de uma catástrofe psicológica que afetava a essência do indivíduo, bem como sua consciência (Ey; Bernard; Brisset, 1969).

Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, a melancolia foi classificada como nosologia por Kraepelin. Assim, os pacientes com sintomas depressivos melancólicos foram descritos como angustiados, apreensivos, com extremidades trêmulas e "iluminados por luzes sinistras", além de

exibirem um medo exagerado de tudo, principalmente de serem presos ou morrerem, seja por qualquer causa aparente ou não (Oliveira, 2013).

A melancolia, atualmente descrita como um subtipo de depressão, foi anteriormente denominada depressão endógena. Del Porto, em seus trabalhos, enfatiza que, embora tenha sido incluído no DSM-I e no DSM-II, o conceito foi retirado do DSM-III em 1980. Essa exclusão complicou ainda mais a diferenciação entre Transtorno Depressivo Maior e Depressão Melancólica, criando uma confusão diagnóstica que persiste até hoje (Del Porto, 2011).

## **2 O IMPACTO DE FREUD NO ESTUDO DA MELANCOLIA SEGUNDO A PSICANÁLISE**

Em suas obras, Freud elabora meticulosamente suas classificações criadas: o id, o ego e o superego. O superego funciona para inibir impulsos que vão contra a consciência moral e orientam o indivíduo para um estado de realização comportamental. O ego é a parte mais lógica e racional, enquanto o id desconsidera as regras morais e busca o prazer por meio da objetificação pessoal (Laender, 2005).

A psicanálise freudiana oferece uma compreensão única da melancolia, tratando-a como uma manifestação patológica do luto. Freud observa que o processo de luto, quando não resolvido, leva à internalização do objeto perdido e ao enfraquecimento do Eu. Essa perspectiva influenciou fortemente as teorias psiquiátricas modernas, particularmente no que diz respeito ao Transtorno Depressivo Maior (TDM), que compartilha algumas semelhanças com a melancolia, como a perda de interesse, mas é mais abrangente em seus sintomas, como fica evidente em sua obra "Luto e Melancolia" (Freud, 1917).

Para o autor, o luto é uma tarefa dolorosa de esclarecimento e descoberta de um objeto ou coisa que não está mais disponível como fonte de amor. Em seu livro, Freud apresenta a melancolia como uma forma de luto que não progride, tornando-se patológica em graus extremamente perigosos para o eu (Freud, 1917).

Na abordagem psicanalítica, a personalidade melancólica é caracterizada por uma ruptura significativa e profunda no eu, que deixa de ser percebido como digno de receber amor. Essa condição estabelece uma conexão intrínseca entre melancolia e narcisismo, destacando uma dinâmica psíquica complexa. Uma análise mais atenta revela que, para Freud, o que o melancólico ama no objeto é, na verdade, uma projeção de seu próprio ego, transformando a relação com o objeto perdido em um reflexo do conflito interno do eu (Freud, 1917)

## **3 O ESTUDO DA MELANCOLIA NOS SÉCULOS 20 E 21**

Atualmente, muitos estudos ainda tentam separar a depressão típica da depressão melancólica, resultado da classificação inadequada apresentada no DSM-IV, que a categoriza apenas como um especificador. A classificação correta é justificada pelas diferenças psicopatológicas, como

demonstrado pelos testes de supressão com dexametasona, que geralmente são mais comumente positivos em indivíduos melancólicos do que naqueles com outros tipos de depressão (Lafer et al., 1996).

Parker et al. (1994) destacaram várias características que poderiam ajudar psiquiatras e psicólogos a classificar um indivíduo deprimido como melancólico, incluindo:

1. Declarações mórbidas, anedonia, humor não reativo, apreensão constante e excessiva;
2. Distúrbio psicomotor;
3. Comprometimento cognitivo significativo;
4. Disfunção vegetativa, como alterações no ritmo circadiano, peso e libido;
5. Sintomas psicóticos.

A diferença entre Transtorno Depressivo Maior e Melancolia, embora mencionada, não é adequadamente explorada na literatura psiquiátrica. A melancolia, em seu contexto clássico, vai além de uma simples forma de depressão, caracterizada por uma profunda ruptura na relação do indivíduo com seu próprio Eu, muitas vezes associada a uma perda internalizada de um objeto ou ideal. Isso o distingue do Transtorno Depressivo Maior, que é mais amplo e inclui uma variedade de causas e sintomas (Parker et al., 1994).

A melancolia envolve uma autoidentificação patológica com a perda, tornando-a uma condição mais introspectiva e narcísica. Por outro lado, o Transtorno Depressivo Maior, de acordo com o DSM, é um diagnóstico mais genérico, com sintomas menos específicos e maior diversidade de manifestações clínicas. Essa falta de uma distinção clara e mais profunda entre as duas condições pode dificultar abordagens diagnósticas precisas e tratamento eficaz (Parker et al., 1994).

#### **4 MELANCOLIA NA LITERATURA E NA ARTE**

A melancolia emergiu como um tema importante na construção de obras brasileiras a partir do século XIX, surgindo como uma reflexão profunda e romantizada sobre a angústia existencial e a condição humana, especialmente no contexto da Sociedade Imperial durante o Segundo Reinado (1840-1889).

Autores como Almeida Garrett, José de Alencar e Machado de Assis abordaram o tema da melancolia como um estado da alma que oscila entre o sofrimento íntimo dos personagens principais e a influência das convenções sociais (Carvalho, 1990).

Em Memórias Póstumas de Brás Cubas, obra que marca nossa independência literária, Machado de Assis emprega a melancolia para moldar a figura de um narrador que, já falecido, observa com ironia e desilusão as mazelas de sua vida e da sociedade. A melancolia, nesse contexto, serve tanto como condição psicológica quanto como crítica à fragilidade das instituições (Assis, 1881).



Em Senhora, de José de Alencar, a melancolia está presente nas lutas internas dos personagens, marcadas pela dificuldade em se libertar dos desejos e expectativas sociais. A literatura brasileira do século XIX, em geral, revela uma busca pelo sentido da vida e da morte, ao mesmo tempo em que expõe o peso das normas morais e as limitações da liberdade pessoal (Alencar, 1875).

## 5 CONCLUSÃO

A melancolia é um tema profundo e complexo que não deve ser visto como uma depressão romantizada, e continua a ser explorado em vários campos da psicologia e da literatura. Embora a psicanálise, com suas contribuições, tenha sido um marco significativo na compreensão desse fenômeno, ainda há muito a ser estudado sobre o assunto.

O fato de a psicanálise ser vista por muitos como uma pseudociência não diminui sua influência histórica, especialmente na compreensão da dinâmica psíquica e das maneiras como lidamos com a dor e a perda.

Ao mesmo tempo, a evolução das classificações, como o DSM-5, parece cada vez mais falha e limitada, muitas vezes reduzindo a complexidade das questões humanas a categorias simplistas sem nuances. Isso mostra que ainda temos um longo caminho a percorrer para entender completamente a melancolia e suas várias facetas, e é importante continuar questionando e aprofundando as discussões sobre esse assunto.



## REFERÊNCIAS

DIWAKAR, V.; SHARMA, A.; YUSUFZAI, M. Z. K.; VASHISTA, M. Barkhausen noise signal analysis of IS 2062 steel and AISI D2 tool steel with different range of magnetizing frequency and intensity. *Journal of Nondestructive Testing*, v. 58, n. 9, p. 821–832, 2022.

FRANCIS, Roger; BYRNE, Glenn. Duplex stainless steels — alloys for the 21st century. *Metals*, v. 11, n. 5, p. 836, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/met11050836>. Acesso em: 6 mar. 2025.

FERNANDES, Loyslene Rabelo et al. Interação do hidrogênio no aço duplex 2205 recozido e envelhecido após laminação a frio. 2021. Dissertação (Mestrado)

FONTES, Talita Filier et al. Utilização de ensaios mecânicos e eletroquímicos para determinação indireta da fase alfa linha no aço inoxidável superduplex UR 52N+. In: *Anais...* São Paulo: ABM, 2009.

HUALLPA, Edgar Apaza et al. Use of Magnetic Barkhausen Noise (MBN) to Follow Up the Formation of Sigma Phase in Saf2205 (UNS S31803) Duplex Stainless Steel. *Materials Research*, v. 19, n. 5, p. 1008-1016, 2016.

LIMA, A. F. P. Detecção de tratamentos térmicos e anisotropia magnética em um aço SAE 4340 através de medidas de permeabilidade magnética. 2021. 77 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia Elétrica) — Instituto Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

LEITE, J. P. Técnica não destrutiva para análise da interação de linhas de campo magnético e material. 2014. 155 p. Tese (Doutorado em Engenharia Mecânica) — Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MAGNABOSCO, Rodrigo. Cinética das transformações de fase em aço inoxidável superduplex. Relatório final submetido ao CNPq. Departamento de Engenharia Mecânica, Centro Universitário da FEI, 2010.

NASCIMENTO JUNIOR, G. C. Máquinas elétricas: teoria e ensaios. 4. ed. São Paulo: Érica, 2011.

NETO, I. P. B. Análise do ruído magnético de Barkhausen por meio da transformada wavelet discreta para detecção de microestrutura fragilizante em aço. 2021. 71 p. Dissertação (Mestrado)

RODRIGUES, Amanda Medeiros. Caracterização do ruído magnético de Barkhausen em aço utilizando transformada wavelet discreta para detecção do constituinte sigma. 2022. Dissertação (Mestrado)

TAVARES, S. S. M.; NORIS, L. F.; PARDAL, J. M.; SILVA, M. R. Temper embrittlement of supermartensitic stainless steel and non-destructive inspection by magnetic Barkhausen noise. *Engineering Failure Analysis*, v. 100, p. 322-328, 2019.

XU, Xin et al. Nanoestrutura, microestrutura e propriedades mecânicas de aços inoxidáveis duplex 25Cr-7 Ni e 22Cr-5Ni (% em peso) envelhecidos a 325°C. *Ciência e Engenharia de Materiais: A*, v. 754, p. 512-520, 2019.